

## O COME-GENTE

ALI À ENTRADA DA MATA do Custódio, entre apertados barrancos, havia uns restos de casa de taipa, cheios de lagartixas que se aquentavam ao sol. Olhando-os, o João Bicudo contou-me pavorosa estória da seca dos dois zeros.<sup>2</sup> Mil e novecentos fora, com efeito, um dos anos mais calamitosos que têm desabado sobre o sertão cearense e o que me narrou o velho comboieiro era de arrepiar couro e cabelo. Credo!

O sol dava em cheio na mataria orvalhada e as rolas caboclinhas tatalavam nas moitas crespas. Havia cabeças vermelhas de galos de campina, como pequenas flores rubras inquietas num galho baixo de jeremataia. E numa fazenda próxima cantava um galo. Imaginem se tal história fosse dita em tempo de seca, no silêncio, na solidão, sob a canícula atroz, entre os esqueletos das árvores e a poeira fina das folhas mortas, servindo de leito às ossadas das vacas! Com aquela vida e abundância a coisa foi tétrica!

O Bicudo passara a perna, como mulher, no cabeçote da sela de campo, curvara o corpo magro para diante, enchera o caximbo de mapinguim e, cuspendo a cada momento, por entre os dentes, para um lado, enquanto o seu pedrês espantava com a cauda comprida as mutucas e meruanhas que lhe ferretoavam as ancas, desfiou lentamente o horror. Ouvia-o de pé, encostado ao cavalo castanho, divertindo-me a matar-lhe, na tábua do pescoço, com o largo peia-boi, as moscas bravas que o mordiam.

— Escute, “seu” cadete,<sup>3</sup> nesse tempo eu nem era mais comboieiro. Minhas quatro burras e mais três éguas que alugava ao compadre Deodoro da Saracura, tudo tinha morrido. Não havia gado nem

---

<sup>2</sup> No Ceará, até o final do século passado, as grandes estiagens eram assim denominadas: *dos dois setes, dos três oitos, dos dois zeros*.

<sup>3</sup> A expressão, que acreditamos tenha sido observada por G.B. no falar sertanejo do seu tempo de menino, pode ser de influência colonial francesa: mais moço, rapaz, por extensão.

animal que escapasse! “Isorde” desgraçado! Podia-se botar rama de juá para eles, mas era trabalho perdido, perdidinho da silva! Os pobres bichos não tinham água “mode” beber! Virgem Nossa Senhora! Virgem Nossa Senhora!

Aqui esta tapera foi uma venda do filho do Papavento. “Seu” cadete conheceu o filho do Papavento? Era um “sarará”, o Cristóvão, que morreu todo inchado, nos Alamazonas.

— Não. Não me lembro.

— Era bom camarada e homem até ali. Parecia “empambado”, por causa da cor dele mesmo, porém era valente que nem onça e sem gabolice. Não tinha farofa e nas ocasiões precisas brigava como bicho.

Como ia dizendo, ele tinha uma venda aqui, de cachaça, farinha e rapadura. Eu não possuía mais nenhum animal de carga, não senhor. Resolvi ir de muda para o Iguatu, onde havia mais recursos. Bati a porteira do curral, espiei com os olhos cheios de água para a minha choupana, onde a mulher morrera de bexigas no princípio da seca, acertei nos pés as “alpragatas”, pus a tiracolo o “patuá” com restos de farinha, sacudi a lazarina no ombro e desandei de rota batida para estas bandas.

“Seu” cadetinho da minha alma, cheguei aqui na vendinha do Cristóvão com dois dias de caminho e fome velha, sem ter encontrado um bicho do mato, de pena ou de pêlo, “mode” matar e comer. O Cristóvão estava preparando os urus para ir embora também, mas fez negócio com minha lazarina. Troquei a coitada por meia terça de farinha e três rapaduras. Foi negócio!

Quando tomei o caminho aí dessa mata, que era uma garrancheira preta, medonha, o filho do Papavento botou a mão no meu ombro, bem aqui assim — “seu” cadete, eu estou repetindo palavra por palavra o que o desgraçado me disse — e me perguntou:

— Você tem amor à vida?

— Tenho sim, respondi.

— Pois se tem, Bicudo velho, rodcie pela estrada do Fundão e ganne o caminho da Forquilha. Por aqui é mais perto, porém muito mais perigoso. . .

— Perigoso por que, homem de Deus? Tem muita cascavel, ou onça esfomeada?

— Tem pior! disse ele, os olhos nos meus olhos, falando sério. Tem o Luiz Zambeta que ficou maluco de fome, depois que os filhos morreram de doença e de não comer. Dizem que se meteu nuzinho em pêlo aí na garrancheira da mata, com uma faca na mão, e deu para comer gente. Virou de novo caboclo-brabo!<sup>4</sup> O delegado do

---

<sup>4</sup> Referência evidente à antropofagia ancestral indígena.

Iguatu passou por aqui à procura dele e disse que ele é mesmo um “estropóforo”! Maria Santíssima! Já três retirantes do Pindoba, que foram atravessar a mata, não chegaram do outro lado... E o Gonçalo da Florinda também desapareceu!...

— Eu não sou morredor, não, “seu” cadete, mas fiquei frio! O sol descambava por detrás da Serra Verde e a noite ia me pegar no meio da mata! Mas, si eu “arrepunasse”,<sup>5</sup> o diabo do Cristóvão era capaz de ir badalar pelo Iguatu que o Bicudo tinha medo do tal de “estropóforo”. O Bicudo velho nunca teve medo... Para dizer nunca, estou mentindo, porque nesse dia tive medo mesmo de verdade. Credo! Queria ver quem é que não tinha.

Não dei mais resposta aos conselhos do Cristóvão e fui tocando mata adentro. Já estava no entrançado das garrancheiras e, quando cheguei bem no meio, principiei a ouvir uns assobios me chamando. Eu a apressar o passo e o assobio me chamando:

— Fio! Fio! Fio!

“Voutes”!<sup>6</sup> Só assombração! Espiei para todos os lados. Nada. Ia escurecendo, escurecendo, e eu depressa, depressa! E o assobio chamando, chamando:

— Fio! Fio! Fio!

De repente, mexeram nos galhos secos, quebraram gravetos como rês caminhando. Olhei para a direita. Nadinha. Para a esquerda. Valha-me Nossa Senhora! O Zambeta nu como macaco, magro como esqueleto, os dentes brancos alumando, a faca na mão e me chamando com a mão e com o assobio:

— Fio! Fio! Fio!

Ai! “seu” cadete, o Bicudo velho danou-se para correr. Correu como uma ema e atrás dele ouvia o bater dos pés do Come-Gente na terra seca. E sempre o assobio horrível, chamando:

— Fio! Fio! Fio!

Passando a perna no selim, falei, para me não mostrar assombrado:

— Isso tudo foi sonho, pesadelo de fome, João Bicudo.

O arrieiro franziu as sobrancelhas e replicou:

— Vosmincê diz que foi sonho, porque não viu as desgraças no ano dos dois zeros e não ficou, como eu, até hoje, com a afrontação da carreira com que escapei, que não me deixa ao menos dançar e mais parece “puxado”. “Puxado”, sim senhor, que o doutor Zé Lopes tem a mania de chamar “aisma”...

---

<sup>5</sup> Corruptela até bem pouco muito comum, nos sertões nordestinos, do verbo repugnar, com o sentido de reagir por omissão.

<sup>6</sup> Também pronunciada *vôte* ou *vôtes*, ainda é muito empregada no nordeste, entre os menos instruídos dos sertões. Indica espanto, raiva, esconjúrio.